RESUMO EXPANDIDO - III. PESQUISA CIENTÍFICA RELACIONADA ÀS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E ASSISTENCIAIS

TECENDO CONSCIÊNCIAS: OFICINAS DE LETRAMENTO RACIAL PARA ADOLESCENTES

Giovanna Silva Aguiar (g245254@dac.unicamp.br)

Gabriela Bragagnolo (gabriela.rodrigues.bragagnollo@usp.br)

Débora De Souza Santos (deborass@unicamp.br)

PORTUGUÊS

Tecendo consciências: oficinas de letramento racial para adolescentes

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período marcado por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, sendo também uma fase decisiva para a construção da identidade, da autoestima e de pertencimento. Em contextos marcados por desigualdades, essas experiências são atravessadas por determinantes sociais que influenciam diretamente as condições de vida e saúde dos sujeitos. Entre eles, destaca-se o racismo, reconhecido como um importante determinante do processo saúde-doença, cujas manifestações

estruturais, institucionais e interpessoais produzem iniquidades que afetam de forma desproporcional a população negra (OLIVEIRA et al., 2020).

Para adolescentes negros, as experiências de discriminação racial podem repercutir não apenas no acesso a oportunidades e direitos, mas também na saúde e no bem-estar, favorecendo sentimentos de inferiorização, sofrimento psiquico, isolamento e fragilização da autoestima. Apesar dos avanços nas políticas públicas voltadas à equidade racial, persistem desafios para o enfrentamento dessas iniquidades, evidenciando a necessidade de ações que promovam o reconhecimento do racismo e de seus impactos na vida cotidiana.

Nesse cenário, a promoção da saúde, em sua perspectiva crítica, propõe uma compreensão ampliada do processo saúde-doença, considerando os aspectos sociais, históricos e culturais que atravessam a experiência dos sujeitos. A educação em saúde assume, portanto, um papel participativo e emancipatório ao favorecer a reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e estimular a autonomia e o protagonismo dos adolescentes na transformação de suas realidades (CARVALHO, AKERMAN, COHEN, 2022).

O letramento racial insere-se nesse contexto como uma estratégia de educação em saúde voltada ao reconhecimento e ao enfrentamento do racismo. Ao possibilitar a compreensão crítica das relações raciais e de seus efeitos sobre a saúde e a qualidade de vida, contribui para o fortalecimento da identidade racial, da autoestima e da capacidade de enfrentamento das situações de discriminação. Nessa perspectiva, a proposta dos “4Rs” (Reconhecer, Romper, Resistir e Reparar), elaborada por Santos (2021), oferece subsídios para o desenvolvimento de práticas educativas antirracistas junto aos adolescentes.

OBJETIVO

Compreender as percepções de adolescentes sobre o racismo no cotidiano escolar e analisar as reflexões e ressignificações construídas a partir de oficinas pedagógicas de letramento racial fundamentadas nos 4Rs (Reconhecer, Romper, Resistir e Reparar).

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, fundamentada na teoria histórico-cultural de Vigotski. O estudo constituiu um desdobramento das ações desenvolvidas pelo projeto de extensão AmorAs Vidas Pretas: Educação e Cultura para Promoção da Saúde da Criança, realizado na Sociedade Pró-Menor, instituição localizada em Barão Geraldo, Campinas-SP, que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

As oficinas pedagógicas foram desenvolvidas com adolescentes entre 11 e 14 anos, utilizando como referencial a proposta dos 4Rs (Reconhecer, Romper, Resistir e Reparar) e a metodologia dos Círculos de Cultura de Paulo Freire. As atividades abordaram temas relacionados ao racismo, identidade racial, autoestima, ancestralidade e redes de apoio, por meio de recursos como músicas, vídeos, histórias, dinâmicas grupais e produções artísticas.

Participaram das oficinas entre 12 e 20 adolescentes. Para a etapa de coleta de dados participaram cinco adolescentes por desejo voluntário. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas individuais, construção do Mapa Falado, observação participante, registros em diário de campo e filmagens dos encontros.

As entrevistas buscaram compreender as percepções dos adolescentes sobre o racismo, seus impactos na saúde e no bem-estar, bem como as aprendizagens construídas ao longo das oficinas. O Mapa Falado foi utilizado como estratégia participativa para explorar aspectos relacionados à autoimagem, identidade, sentimentos e pertencimento racial.

Os dados foram transcritos e analisados por meio da Análise Temática proposta por Braun e Clarke, à luz da teoria histórico-cultural. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (CAAE 82139924.4.0000.5404; Parecer nº 7.057.366).

RESULTADOS

As oficinas favoreceram reflexões sobre identidade racial e valorização da cultura ancestral, contribuindo para que os adolescentes ampliassem sua compreensão acerca do racismo, reconhecendo-o como um fenômeno social e

estrutural que influencia suas vivências e sua saúde. Observou-se, ao longo do processo, maior capacidade de problematizar situações anteriormente naturalizadas, bem como a construção de estratégias de enfrentamento pautadas no fortalecimento da autoestima, no apoio entre pares e na valorização da própria racialidade. Tais transformações evidenciam o potencial das ações educativas conduzidas pela enfermagem como estratégia de promoção da saúde, ao favorecer espaços de escuta, diálogo e reflexão crítica sobre os determinantes sociais da saúde, contribuindo para o protagonismo juvenil e para o enfrentamento das desigualdades raciais.

As entrevistas revelaram que os adolescentes associam o racismo a impactos emocionais importantes, mencionando sentimentos como tristeza, raiva e isolamento. Alguns participantes relacionaram o racismo a problemas de sofrimento psíquico, como depressão, enquanto outros relataram guardar para si os sentimentos despertados ao presenciarem situações discriminatórias, demonstrando dificuldades em encontrar espaços seguros de acolhimento e diálogo.

Os Mapas Falados evidenciaram questões relacionadas à autoestima, autoimagem e pertencimento racial. Aspectos como cabelo, características físicas e a forma como acreditavam ser vistos pelos outros apareceram de maneira recorrente nos relatos, indicando que as experiências sociais atravessam a construção da identidade dos adolescentes. Também foram observadas dificuldades na autodeclaração racial e sinais de desconforto em relação à própria imagem corporal.

CONCLUSÃO

Os resultados evidenciaram que os adolescentes reconhecem manifestações de racismo em seu cotidiano, embora nem sempre as identifiquem explicitamente como práticas discriminatórias. Os relatos também demonstraram que o racismo produz impactos emocionais importantes, relacionados a sentimentos de tristeza, raiva, isolamento e questões ligadas à autoestima e à construção da identidade.

As oficinas pedagógicas de letramento racial mostraram-se potentes para promover reflexões críticas sobre raça, pertencimento e desigualdades sociais, favorecendo o reconhecimento do racismo como fenômeno estrutural. Além disso, possibilitaram a valorização da identidade racial, da ancestralidade e da cultura afro-brasileira, contribuindo para o fortalecimento da autoestima e para a construção de estratégias coletivas de enfrentamento.

Nesse sentido, o letramento racial revelou-se uma importante ferramenta de promoção da saúde e de formação cidadã, ao estimular o protagonismo juvenil e ampliar espaços de diálogo sobre as experiências vividas pelos adolescentes. Recomenda-se a ampliação de iniciativas semelhantes em contextos educativos, considerando seu potencial para promover equidade, inclusão e enfrentamento das desigualdades raciais.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, F. F. B.; AKERMAN, M.; COHEN, S. C. A dimensão da atenção à saúde na Promoção da Saúde: apontamentos sobre a aproximação com o cuidado. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 31, n. 3, e210529, 2022

MEDEIROS, J. S., SCHWEICKARDT, J. C., & MARTINS, F. M. (2022). Mapas falantes como recurso metodológico: a pesquisa em saúde num território amazônico. Revista Saúde em Redes, 8(2), 257–274. https://doi.org/10.18310/2446-4813.2022v8n2p257-274

NASCIMENTO, A.K.C; BADUY, R.S. Simulação, oficina e roda de conversa: estratégias de aprendizagem ativa na saúde. Educação em Debate. Fortaleza, v. 43, n. 84, p.152-167, 2021.

OLIVEIRA, E. et al. Contribuição da interseccionalidade na compreensão da saúde-doença cuidado de homens jovens em contextos de pobreza urbana. Interface, Botucatu, v. 24, p. e180736, 2020.

SANTOS, Débora de Souza. Trabalho Vivo e Educação Crítica em Saúde e Enfermagem como Caminhos para equidade – Débora de Souza Santos – Campinas- SP, 2021.

ESPANHOL

Tejiendo conciencias: talleres de alfabetización racial para adolescentes

INTRODUCCIÓN

La adolescencia es un período marcado por intensas transformaciones físicas, emocionales y sociales, constituyendo además una etapa decisiva para la construcción de la identidad, la autoestima y el sentido de pertenencia. En contextos caracterizados por desigualdades, estas experiencias están atravesadas por determinantes sociales que influyen directamente en las condiciones de vida y salud de las personas. Entre ellos, destaca el racismo, reconocido como un importante determinante del proceso salud-enfermedad, cuyas manifestaciones estructurales, institucionales e interpersonales producen inequidades que afectan de manera desproporcionada a la población negra (OLIVEIRA et al., 2020).

Para los adolescentes negros, las experiencias de discriminación racial pueden repercutir no solo en el acceso a oportunidades y derechos, sino también en la salud y el bienestar, favoreciendo sentimientos de inferioridad, sufrimiento

psíquico, aislamiento y debilitamiento de la autoestima. A pesar de los avances en las políticas públicas orientadas a la equidad racial, persisten desafíos para enfrentar estas inequidades, lo que evidencia la necesidad de acciones que promuevan el reconocimiento del racismo y de sus impactos en la vida cotidiana.

En este escenario, la promoción de la salud, desde una perspectiva crítica, propone una comprensión ampliada del proceso salud-enfermedad, considerando los aspectos sociales, históricos y culturales que atraviesan la experiencia de los sujetos. La educación para la salud asume, por tanto, un papel participativo y emancipador al favorecer la reflexión crítica sobre las desigualdades sociales y estimular la autonomía y el protagonismo de los adolescentes en la transformación de sus realidades (CARVALHO, AKERMAN y COHEN, 2022).

La alfabetización racial se inserta en este contexto como una estrategia de educación para la salud orientada al reconocimiento y enfrentamiento del racismo. Al posibilitar una comprensión crítica de las relaciones raciales y de sus efectos sobre la salud y la calidad de vida, contribuye al fortalecimiento de la identidad racial, de la autoestima y de la capacidad para afrontar situaciones de discriminación. Desde esta perspectiva, la propuesta de las “4R” (Reconocer, Romper, Resistir y Reparar), elaborada por Santos (2021), ofrece fundamentos para el desarrollo de prácticas educativas antirracistas dirigidas a adolescentes.

OBJETIVO

Comprender las percepciones de los adolescentes sobre el racismo en la vida escolar cotidiana y analizar las reflexiones y resignificaciones construidas a partir de talleres pedagógicos de alfabetización racial fundamentados en las 4R (Reconocer, Romper, Resistir y Reparar).

MÉTODO

Se trata de una investigación cualitativa de tipo investigación-acción, fundamentada en la teoría histórico-cultural de Vigotski. El estudio constituyó un desarrollo de las acciones llevadas a cabo por el proyecto de extensión *AmorAs Vidas Pretas: Educação e Cultura para Promoção da Saúde da Criança*, realizado en la Sociedade Pró-Menor, institución ubicada en Barão Geraldo, Campinas-SP, que atiende a niños, niñas y adolescentes en situación de vulnerabilidad social.

Los talleres pedagógicos fueron desarrollados con adolescentes de entre 11 y 14 años, utilizando como marco de referencia la propuesta de las 4R (Reconocer, Romper, Resistir y Reparar) y la metodología de los Círculos de Cultura de Paulo Freire. Las actividades abordaron temas relacionados con el racismo, la identidad racial, la autoestima, la ancestralidad y las redes de apoyo, mediante recursos como canciones, videos, relatos, dinámicas grupales y producciones artísticas.

Participaron en los talleres entre 12 y 20 adolescentes. Para la etapa de recolección de datos participaron cinco adolescentes de manera voluntaria. La producción de datos se realizó mediante entrevistas semiestructuradas individuales, construcción del Mapa Hablado, observación participante, registros en diario de campo y grabaciones audiovisuales de los encuentros.

Las entrevistas buscaron comprender las percepciones de los adolescentes sobre el racismo, sus impactos en la salud y el bienestar, así como los aprendizajes construidos a lo largo de los talleres. El Mapa Hablado fue utilizado como estrategia participativa para explorar aspectos relacionados con la autoimagen, la identidad, los sentimientos y el sentido de pertenencia racial.

Los datos fueron transcritos y analizados mediante el Análisis Temático propuesto por Braun y Clarke, a la luz de la teoría histórico-cultural. El estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación de la Universidad Estadual de Campinas (CAAE 82139924.4.0000.5404; Dictamen n.º 7.057.366).

RESULTADOS

Los talleres favorecieron reflexiones sobre la identidad racial y la valoración de la cultura ancestral, contribuyendo a que los adolescentes ampliaran su comprensión acerca del racismo, reconociéndolo como un fenómeno social y estructural que influye en sus vivencias y en su salud. A lo largo del proceso se observó una mayor capacidad para problematizar situaciones previamente naturalizadas, así como la construcción de estrategias de afrontamiento basadas en el fortalecimiento de la autoestima, el apoyo entre pares y la valoración de la propia racialidad. Estas transformaciones evidencian el potencial de las acciones educativas conducidas por la enfermería como estrategia de promoción de la salud, al favorecer espacios de escucha, diálogo y reflexión crítica sobre los determinantes sociales de la salud, contribuyendo al protagonismo juvenil y al enfrentamiento de las desigualdades raciales.

Las entrevistas revelaron que los adolescentes asocian el racismo con importantes impactos emocionales, mencionando sentimientos como tristeza, rabia y aislamiento. Algunos participantes relacionaron el racismo con problemas de sufrimiento psíquico, como la depresión, mientras que otros informaron que guardaban para sí mismos los sentimientos despertados al presenciar situaciones discriminatorias, lo que demuestra dificultades para encontrar espacios seguros de acogida y diálogo.

Los Mapas Hablados evidenciaron cuestiones relacionadas con la autoestima, la autoimagen y el sentido de pertenencia racial. Aspectos como el cabello, las características físicas y la forma en que creían ser percibidos por los demás aparecieron de manera recurrente en los relatos, indicando que las experiencias sociales atraviesan la construcción de la identidad de los adolescentes. También se observaron dificultades en la autodeclaración racial y señales de incomodidad respecto de la propia imagen corporal.

CONCLUSIONES

Los resultados evidenciaron que los adolescentes reconocen manifestaciones de racismo en su vida cotidiana, aunque no siempre las identifican explícitamente como prácticas discriminatorias. Los relatos también demostraron que el racismo produce importantes impactos emocionales, relacionados con sentimientos de tristeza, rabia, aislamiento y cuestiones vinculadas a la autoestima y a la construcción de la identidad.

Los talleres pedagógicos de alfabetización racial demostraron ser una estrategia potente para promover reflexiones críticas sobre raza, pertenencia y desigualdades sociales, favoreciendo el reconocimiento del racismo como fenómeno estructural. Además, posibilitaron la valoración de la identidad racial, la ancestralidad y la cultura afrobrasileña, contribuyendo al fortalecimiento de la autoestima y a la construcción de estrategias colectivas de afrontamiento.

En este sentido, la alfabetización racial se reveló como una importante herramienta de promoción de la salud y de formación ciudadana, al estimular el protagonismo juvenil y ampliar los espacios de diálogo sobre las experiencias vividas por los adolescentes. Se recomienda ampliar iniciativas similares en contextos educativos, considerando su potencial para promover la equidad, la inclusión y el enfrentamiento de las desigualdades raciales.

INGLÊS

Weaving Awareness: Racial Literacy Workshops for Adolescents

INTRODUCTION

Adolescence is a period marked by intense physical, emotional, and social transformations and represents a crucial stage for the development of identity, self-esteem, and a sense of belonging. In contexts characterized by social inequalities, these experiences are shaped by social determinants that directly influence individuals' living and health conditions. Among these determinants, racism stands out as a significant factor in the health-disease process, whose structural, institutional, and interpersonal manifestations generate inequities that disproportionately affect the Black population (OLIVEIRA et al., 2020).

For Black adolescents, experiences of racial discrimination may affect not only access to opportunities and rights but also health and well-being, fostering feelings of inferiority, psychological distress, social isolation, and diminished self-esteem. Despite advances in public policies aimed at promoting racial equity, significant challenges remain in addressing these inequities, highlighting the need for actions that foster awareness of racism and its impacts on everyday life.

Within this context, health promotion, from a critical perspective, advocates for a broader understanding of the health-disease process by considering the social, historical, and cultural dimensions that shape individuals' experiences. Health education therefore assumes a participatory and emancipatory role by encouraging critical reflection on social inequalities and promoting adolescents' autonomy and agency in transforming their realities (CARVALHO, AKERMAN, & COHEN, 2022).

Racial literacy emerges in this context as a health education strategy aimed at recognizing and confronting racism. By fostering a critical understanding of racial relations and their effects on health and quality of life, it contributes to strengthening racial identity, self-esteem, and the ability to cope with discriminatory situations. From this perspective, the “4Rs” framework (Recognize, Rupture, Resist, and Repair), proposed by Santos (2021), provides a foundation for the development of anti-racist educational practices with adolescents.

OBJECTIVE

To understand adolescents’ perceptions of racism in their school environment and to analyze the reflections and re-significations developed through racial literacy workshops grounded in the 4Rs framework (Recognize, Rupture, Resist, and Repair).

METHOD

This qualitative action-research study was grounded in Vygotsky’s historical-cultural theory. The study emerged from activities developed within the extension project *AmorAs Vidas Pretas: Education and Culture for Child Health Promotion*, conducted at Sociedade Pró-Menor, an institution located in Barão Geraldo, Campinas, São Paulo, Brazil, which serves children and adolescents living in situations of social vulnerability.

The educational workshops were conducted with adolescents aged 11 to 14 years and were based on the 4Rs framework (Recognize, Rupture, Resist, and Repair) and Paulo Freire’s Culture Circles methodology. Activities addressed

topics related to racism, racial identity, self-esteem, ancestry, and support networks through the use of songs, videos, stories, group dynamics, and artistic productions.

Between 12 and 20 adolescents participated in the workshops. Five adolescents voluntarily participated in the data collection stage. Data were generated through individual semi-structured interviews, the construction of a Spoken Map, participant observation, field diary records, and video recordings of the meetings.

The interviews sought to explore adolescents' perceptions of racism, its impacts on health and well-being, and the learning experiences developed throughout the workshops. The Spoken Map was used as a participatory strategy to explore aspects related to self-image, identity, feelings, and racial belonging.

Data were transcribed and analyzed using Braun and Clarke's Thematic Analysis, interpreted through the lens of historical-cultural theory. The study was approved by the Research Ethics Committee of the State University of Campinas (CAAE 82139924.4.0000.5404; Approval No. 7,057,366).

RESULTS

The workshops fostered reflections on racial identity and appreciation of ancestral culture, contributing to a broader understanding of racism among participants. Adolescents increasingly recognized racism as a social and structural phenomenon influencing their lived experiences and health. Throughout the process, participants demonstrated a greater ability to critically examine situations previously perceived as natural, as well as to develop coping

strategies based on strengthened self-esteem, peer support, and appreciation of their racial identity.

These transformations highlight the potential of nursing-led educational actions as a health promotion strategy, creating spaces for listening, dialogue, and critical reflection on the social determinants of health, while fostering youth agency and addressing racial inequalities.

The interviews revealed that adolescents associated racism with significant emotional impacts, including feelings of sadness, anger, and isolation. Some participants linked racism to mental health issues such as depression, while others reported internalizing the emotions triggered by witnessing discriminatory situations, indicating difficulties in accessing safe spaces for support and dialogue.

The Spoken Maps revealed issues related to self-esteem, self-image, and racial belonging. Aspects such as hair, physical characteristics, and perceptions of how others viewed them appeared recurrently in participants' narratives, suggesting that social experiences significantly influence identity construction during adolescence. Difficulties in racial self-identification and signs of discomfort regarding body image were also observed.

CONCLUSION

The findings demonstrated that adolescents recognize manifestations of racism in their daily lives, although they do not always explicitly identify them as discriminatory practices. Participants' accounts also revealed that racism produces important emotional impacts, including feelings of sadness, anger, isolation, and challenges related to self-esteem and identity formation.

The racial literacy workshops proved to be a powerful strategy for promoting critical reflections on race, belonging, and social inequalities, while fostering recognition of racism as a structural phenomenon. Furthermore, they enabled the appreciation of racial identity, ancestry, and Afro-Brazilian culture, contributing to the strengthening of self-esteem and the development of collective coping strategies.

In this sense, racial literacy emerged as an important tool for health promotion and citizenship education, encouraging youth agency and expanding opportunities for dialogue about adolescents' lived experiences. The expansion of similar initiatives in educational settings is recommended, considering their potential to promote equity, inclusion, and the reduction of racial inequalities.

Palavras-chave: letramento racial; promoção da saúde; adolescência; oficinas pedagógicas; educação antirracista; enfermagem.